



**Entrevista exclusiva concedida por escrito pelo Presidente da República,  
Luiz Inácio Lula da Silva, ao jornal A Notícia**

**Publicada em 09 de fevereiro de 2005**

**Jornalista:** O senhor esperava que o PT demorasse mais de 20 anos para chegar ao poder no País? Qual era sua expectativa em relação à Presidência da República quando fundou o partido?

**Presidente:** A idéia de transformar o Brasil é que motivou a fundação do Partido dos Trabalhadores. Portanto, o projeto de se alcançar a Presidência da República não foi um ponto de partida do PT, mas de chegada. O que eu posso dizer sobre esse processo é que as quatro derrotas que sofremos antes da eleição de 2002 nos trouxeram, além de experiência política e de campanha, a oportunidade de avançar um pouco na compreensão da relação do governante com o seu povo e do Estado como a sociedade. Estou certo de que o conhecimento que obtive no caminho me faz, hoje, melhor governante do que teria sido em outras ocasiões. Mas, acima de tudo, o tempo da caminhada do Partido dos Trabalhadores até a Presidência foi o tempo de amadurecimento da própria sociedade brasileira. Chegamos ao poder não só porque o PT estava maduro, profissionalizado, mas principalmente porque a democracia brasileira estava pronta para o PT no poder.

**Jornalista:** Hoje, 25 anos depois, o PT mudou muito. O senhor concorda com todas as mudanças que o partido passou? Hoje, ele é mais pragmático e é considerado pelos partidos adversários como “profissional”, principalmente quando disputa as eleições. Era essa a concepção de partido que o senhor idealizava como fundador?



**Presidente:** Em primeiro lugar, o meu comportamento político sempre foi prático. Nunca gostei de ser rotulado. Quando comecei minha vida no movimento sindical era chamado de agente da CIA pelos comunistas e de comunista pela direita. Isso me deixava tranqüilo, pois como não era nem um nem outro, ficava livre para escolher o caminho que entendia melhor para os trabalhadores. Na política, tento fazer a mesma coisa. Em junho de 2002, antes das eleições presidenciais, lançamos o documento chamado “Carta ao Povo Brasileiro”, no qual foram definidas as regras da política que seguimos hoje. Em toda a minha vida sindical, partidária, de oposição e, agora, de governo, defendi e pratiquei o diálogo democrático – a negociação política intensa. Este diálogo não é apenas legítimo e justo: por meio dele estamos resolvendo problemas do nosso País que nunca foram resolvidos. Uma das razões pelas quais decidi fundar o Partido dos Trabalhadores foi justamente o fato de não me identificar com nenhuma das forças partidárias à esquerda ou à direita existentes no Brasil. Enquanto alguns companheiros queriam planejar a revolução social para dali a cem anos, eu queria mudar a realidade já: eleger vereadores, deputados, prefeitos, governadores... Queria a mudança agora, nem que fosse aos poucos, não em um futuro ideal e incerto. Foi seguindo esse caminho, perfeitamente coerente, que o PT chegou à Presidência da República.

**Jornalista:** Até que ponto o PT vai avançar para o centro político? Visivelmente, o partido não é mais puramente de esquerda e nem defende o socialismo como bandeira, mas até onde pode avançar a caminhada do partido para o centrão, aderindo teses de economia de mercado e gestão de governo mais próxima das adotadas pela iniciativa privada. Até que ponto isso não atrapalha o comprometimento com as bandeiras sociais históricas do PT?



**Presidente:** Foi com a palavra “mudança” que iniciei meu discurso de posse na Presidência. E, passados dois anos, não tenho dúvidas de que nosso governo nunca perdeu de vista o sentido do mandato que recebemos do povo brasileiro: mobilizar as energias da sociedade para retomar o caminho do crescimento sustentado, distribuir renda e promover a inclusão social. Engana-se, por exemplo, quem acha que não houve mudança na política econômica brasileira. Mudou quando adotamos uma política externa mais ousada, competitiva, procurando inclusive países em desenvolvimento para estabelecer conosco uma política de similaridade. Mudou quando retomamos uma política industrial para o País. Mudou quando investimos 2 bilhões de reais na agricultura familiar e vamos chegar a 5,4 bilhões. Mudou quando criamos o Bolsa-Família, o maior e mais ambicioso programa de transferência de renda da história do Brasil, atendendo 6,5 milhões de famílias. Mudou quando criamos a Secretaria Especial de Promoção de Igualdade Racial, a Secretaria Especial de Políticas para a Mulher, o Ministério de Aquicultura e Pesca. Hoje, em 2005, não estamos mais trabalhando para não deixar o Brasil cair no abismo. Trabalhamos no contexto de uma economia estável, em crescimento, com inflação controlada e geração de mais de 1 milhão e 600 mil empregos com carteira assinada. O próximo passo é firmar as condições para que essa expansão se mantenha de maneira sustentada, em paralelo com uma firme política de distribuição de riqueza. Estamos, portanto, em sintonia com as bandeiras históricas do PT.

**Jornalista:** Como o senhor imagina o PT daqui a mais 25 anos? Será um partido mais conservador? Vai manter suas características de debate amplo em todas as questões?

**Presidente:** Pensar em um futuro tão distante não me parece produtivo. Cuidar do presente é a melhor política. Há muito o que ser feito no Brasil, e as



transformações que nos propusemos a realizar no País levarão muitos anos para serem concluídas. Por isso, não acredito que o PT se tornará um partido conservador. Pelo contrário, continuará sendo o que sempre foi: um agente pragmático de mudança da realidade brasileira. Hoje mais do que nunca somos um partido que debate amplamente as questões nacionais. Que acredita na mobilização da sociedade e no debate franco e civilizado entre capital e trabalho para avançar em questões que interessam à nação como um todo.

**Jornalista:** Os partidos de oposição dizem que o PT tem, antes de um projeto político para o País, um projeto de poder ou de manutenção dele pelo tempo mais longo possível. É claro que esses mesmos partidos tentariam se manter, também, pelo maior tempo no poder se chegassem a ele. Qual é sua visão sobre a alternância de poder? O senhor acha que o PT deveria continuar por mais tempo no comando da república para fazer a sua reforma de Estado ou o regime democrático já garante as reformas necessárias independente do partido no poder?

**Presidente:** Considero a alternância de poder um elemento fundamental da democracia. Neste momento, todo o meu esforço vai no sentido de cumprir bem o mandato que me foi conferido pelo povo brasileiro. Quem acorda e dorme pensando nas próximas eleições não tem tempo de governar direito. Acho que o regime democrático é um elemento facilitador das reformas, porque dá voz aos diferentes segmentos sociais e é do embate dessas idéias que surge um projeto nacional que norteie o desenvolvimento do País. Acredito firmemente que o Brasil acaba de entrar num ciclo de crescimento sustentável, com geração de empregos e redução das desigualdades sociais, e está pronto para se manter nesse ritmo por mais 15, 20 anos. Com firmeza e seriedade por parte dos governantes, nós vamos chegar lá.